

A escrita da alma de Sofia em *Quincas Borba*

Gabriela Oliveira



No romance *Quincas Borba* os leitores se deparam com uma das personagens femininas mais complexas da obra de Machado de Assis: Sofia. O próprio escritor pensava em escrever um romance somente sobre ela, e dessa maneira ele completaria uma trilogia com o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Porém, ele escreve no prólogo de *Quincas Borba*: “A Sofia está aqui toda. Continuí-la seria repeti-la, e acaso repetir o mesmo seria pecado”. Apesar de estar muito presente no romance, muitas lacunas são deixadas vazias pelo autor no que diz respeito a quem realmente era Sofia. A sua alma exterior é apresentada aos leitores com características comuns de uma mulher da época, bem casada e de família. Características essas esperadas de mulher na sociedade brasileira do século XIX. Com o decorrer da história, sua alma interior também é narrada, não por ela mesmo mas por um narrador masculino que não é um personagem do romance e tem agradável superioridade no texto (Pietrani 44). Sua superioridade é vista através de sua função como narrador onisciente, conhecedor do que acontece nos pensamentos e ações de Sofia. A tensão da narração da imagem exterior de Sofia e sua alma interior, que consiste em seus pensamentos e anseios, a transformam em uma personagem indecifrável, alcançando assim a maestria de Machado em requisitar dos leitores suas próprias interpretações com o pouco que lhes é contado sobre essa mulher. Este trabalho irá focar na alma exterior e interior de Sofia e a limitação de ser uma mulher do século XIX na sociedade brasileira patriarcal.

Apesar de Sofia à primeira vista parecer uma mulher comum da época, logo no primeiro encontro entre Rubião e o casal Palha há indicações de que talvez ela seja bem diferente. A primeira menção que o narrador faz à Sofia em *Quincas Borba* é uma recordação de Rubião sobre seu primeiro encontro com Sofia que ocorreu na estação de Vassouras; ele enfatiza uma de suas características físicas que o chamou a atenção inicialmente: “foi ali que achou aquele par de olhos viçosos, que pareciam repetir a exortação do profeta: Todos vós que tendes sede, vinde às águas” (Assis 11). À primeira vista, o narrador descreve a alma interior de Sofia como pura e até mesmo bondosa, lembrando que esta era a recordação de Rubião, os olhos dela são caracterizados como “viçosos” e como diz o velho ditado, “os olhos são a janela da alma”. Essa atribuição era esperada para uma mulher da época colonial, elas sendo consideradas “indivíduos submissos, puros, bondosos, de sexualidade menos desenvolvida e destinadas principalmente a ser mães e esposas” (Stein 24). Ingrid Stein em *Figuras Femininas em Machado de Assis* escreve sobre as mulheres no Brasil em meados do século XIX, “a mulher ocupava na família uma posição secundária, inferior à do homem”, além de servir como procriadora ela era também uma “administradora de tarefas do lar ... ocupava-se de serviços de costura e providenciava e organizava reuniões e festas” (23). Como é possível ver com o decorrer do romance, Sofia aceita essas responsabilidades e as exerce com maestria. O primeiro exemplo em *Quincas Borba* é a festa que Sofia e seu marido, Palha, dão para os membros da alta sociedade e convidam Rubião. Nela, Sofia se comporta como o esperado da dona de casa que ela era, recebendo seus convidados e os tratando bem, tudo para manter a imagem. Aos olhos de quem está vendo apenas o exterior, ela é uma mulher bondosa e pura, que cumpre com suas responsabilidades de esposa e administradora de tarefas do lar.

O primeiro encontro entre Rubião e o casal Cristiano e Sofia Palha reitera a ideia de que a mulher era secundária ao

homem e por vezes esquecida ou simplesmente ignorada nas situações sociais. Assim que entram no trem onde se encontrava Rubião, Cristiano Palha começa a conversar com ele e praticamente ignora Sofia durante toda conversa, “Sofia escutava apenas; movia tão somente os olhos, que sabia bonitos, fitando-os ora no marido, ora no interlocutor” (Assis 24). Sofia se utiliza de seus olhos à seu favor e o narrador faz questão de enfatizar que ela sabia que eles eram bonitos. Ela usava conscientemente um de seus belos atributos para ser notada durante a conversa na qual ela havia sido ignorada pelo seu marido. Quando Rubião reconhece Sofia e faz uma pergunta à ela, ela o responde e depois volta ao seu silêncio: “Sofia não interveio, porém, na conversa; afrouxou a rédea aos olhos, que se deixaram ir ao sabor de si mesmos” (Assis 25). Apesar de Sofia não intervir na conversa do marido, seus olhos “falam” sem precisar de palavras. Por meio da descrição dos olhos de Sofia, uma de suas características é desvendada, a sabedoria. Ela entende que não deve interromper a conversa de seu marido e a atitude esperada dela é de ficar em silêncio, porém não há nenhuma regra da sociedade sobre usar os olhos para demonstrar sentimentos e vontades. Sofia é uma mulher sábia, diferente da maioria das mulheres do século XIX, e ela consegue ler situações a sua volta e até mesmo manipulá-las, se aproveitando da posição que ela ocupa na sociedade. Diferentemente das mulheres oprimidas e que não eram incentivadas a pensar, Sofia usa de seus atributos com sabedoria para conseguir o que deseja. Com isso, temos um detalhe interessante que não deve passar despercebido na narrativa: o seu próprio nome, Sofia, significa sabedoria ou ‘a sábia’. Este significado descreve bem uma das características mais marcantes nela, a qual vemos com o decorrer do romance.

A primeira descrição de Sofia feita em mais detalhes pelo narrador, no capítulo XXIV, a traz em seu próprio ambiente dessa vez, sua casa, onde exercia seu papel principal: o de administradora do lar. Por ser o seu local, onde ela se sente mais à vontade, Rubião a vê diferente da mulher calada e oprimida do primeiro encontro na estação de Vassouras:

Sofia era, em casa, muito melhor que no trem de ferro. Lá vestia a capa, embora tivesse os olhos descobertos; cá trazia à vista os olhos e o corpo, elegantemente apertado em um vestido de cambraia, mostrando as mãos que eram bonitas, e um princípio de braço. Demais, aqui era a dona da casa, falava mais, desfazia-se em obséquios; Rubião desceu meio tonto (Assis 26).

O narrador começa então a construir uma imagem mutável de Sofia, pois em casa ela demonstra ser diferente por não ter ninguém para avaliar suas atitudes ou a maneira como se veste. Enquanto na rua outra Sofia é vista, ela veste uma capa para cobrir partes do seu corpo que em casa costumam ficar à mostra. Essa é uma das primeiras vezes em que o conflito entre o que ela quer mostrar para a sociedade e como ela realmente aparece na trama de forma explícita. Esse conflito é demonstrado através da alusão de como ela é dentro de seu lar, o que pode ser interpretado como ela dentro de si mesma, e fora de casa onde deve demonstrar ser diferente e complacente, devendo ser o que os outros esperam ver.

Sofia entendia seu local na sociedade e não o parecia questionar. Ela sabia que era esperado que agisse como uma boneca. A sua satisfação de vida tinha de vir com seu casamento, o que lhe concedia um certo status social. O casamento representava “a aspiração modelar da maior parte das moças” (Stein 31) e no caso de Sofia não era diferente, apenas pelo casamento as mulheres da época conseguiam atingir um status social mais elevado. No capítulo XXXV, o narrador escreve sobre como o casamento de Palha e Sofia aconteceu:

A bela dama é filha de um velho funcionário público. Casou aos vinte anos com este Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco. O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações. Em 1864, apesar de recente no ofício, adivinhou, — não se pode empregar outro termo, — adivinhou as falências bancárias (Assis 34).

Por meio dessa passagem, fica claro que Sofia vinha de uma família mais abastada, enquanto Palha também não tinha

grande status social. Logo, o casamento para ela representou uma minúscula ascensão social, por menor que fosse. Sofia se esforça por ser a representação de uma mulher colonial aos olhos dos outros e inicialmente não demonstra insatisfação por isso, pelo contrário, ela parece gostar de seu lugar na sociedade e demonstra certo conformismo pelo mesmo. Porém, seu casamento com Palha não é inteiramente “calcado no amor, mas na conveniência para ambos” (Stein 57). O narrador deixa isso claro ao escrever no capítulo XXXV como Palha gastava seu dinheiro com festas e reuniões, além de constantemente levar Sofia ao teatro, sem gostar dele, e a bailes, nos quais se divertia pouco, “mas ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios” (Assis 34). Ele vai mais além ao descrever essa atitude como uma “ vaidade singular” de Palha: “decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares” (Assis 34). O casamento entre Sofia e Palha é representado como um jogo de interesses onde ambos buscam serem vistos e têm o objetivo de ascender socialmente.

Nesse mesmo capítulo, o narrador escreve sobre a característica de Sofia de ceder às vontades do marido mesmo sem querer para receber a admiração do mundo:

E aqui façamos justiça à nossa dama. A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros. Não a façamos mais santa do que é, nem menos (Assis 35).

Ele nos mostra uma Sofia que se torna cada vez mais vaidosa com o casamento e com a possibilidade de ascensão social. Apesar de Sofia aceitar seu posto submisso, ela se torna uma mulher ambiciosa através da vaidade inflada, característica incomum nas mulheres donas de casa do século XIX. As mulheres coloniais possuíam alegria fundada na família e performar seus deveres domésticos, não havia tempo para vaidade. Os leitores conseguem perceber que ela utiliza certas “armas” para se diferenciar das outras mulheres da época e despertar o desejo nos homens; essas são usadas para atingir o objetivo de se destacar na sociedade carioca. Esse desejo que ela desperta parece ser muito mais algo do qual ela quer se vangloriar e achar graça do que realmente uma vontade de agir e participar de um adultério. É um desejo meramente causado por sua vaidade. A vaidade de Sofia fica em evidência no capítulo V, quando Sofia conta para Palha a declaração de amor feita por Rubião. A surpresa sentida por Palha pode ter sido causada pelo fato de Rubião ter declarado seu amor por Sofia tão rapidamente e publicamente ou por seu plano estar dando certo:

Rubião olhava para ela muita vez, é certo; parece também que Sofia, em algumas ocasiões, pagava os olhares com outros. . . Concessões de moça bonita! Mas, enfim, contanto que lhe ficassem os olhos, podiam ir alguns raios deles. Não havia de ter ciúmes do nervo óptico, ia pensando o marido (Assis 47).

Apesar de sua reação, ele diz a Sofia: “Tu é que deste ocasião. . .” e o narrador reforça, “a culpa era dela, não devia ter dado ocasião. . .” (Assis 48). Estava nos planos de Palha o encantamento de Rubião por Sofia, porém ele certamente não esperava a declaração tão cedo ou até mesmo que Rubião se declarasse. O motivo pelo qual Sofia confia ao marido o que aconteceu no jardim tem mais a ver com sua vaidade do que com a ambição que ela mais tarde desenvolve ao se dar conta de que um homem rico não somente está apaixonado por ela, mas pode lhe encher de joias e presentes caros. A revelação desse acontecimento por ela é como se significasse que “o seu empreendimento [de Sofia] está às mil maravilhas, pois o seu capitalista ingênuo está quase submergindo nas mãos de uma mulher” (Pietrani 68). Palha e sua esposa formam uma dupla exemplar, ele é o responsável por ganhar dinheiro e buscar a subida no escalão social, e Sofia o ajuda de todos os modos, inclusive “atraindo Rubião e prendendo-o à casa deles enquanto tinha meios para apoiar o marido em seus planos empreendedores”

(Stein 67). A partir desse capítulo, os leitores são informados que Palha deve muito dinheiro a Rubião e por isso o casal não pode cortar totalmente o relacionamento com ele como Sofia demonstra desejar naquele instante. Mais a seguir no romance, o abismo entre a moralidade interior e o que é externado fica cada vez mais explícita com as atitudes narradas de Sofia.

Para Sofia, a possibilidade de um caso extraconjugal não é vista como possível como vimos no início do romance, pelo menos não com Rubião, “mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada” (Assis 35). No século XIX, a sociedade colonial não aceitava os casos extraconjugais de uma mulher casada, “ela não tinha condições de manter amantes eventuais ou fixos, nem contava com o beneplácito do marido ou da sociedade para o caso” (Stein 34), principalmente por ela depender do homem para obter reconhecimento social.

Porém, vemos uma Sofia diferente sendo cortejada e galanteada por Carlos Maria, um homem mulherengo e atraente. O primeiro episódio do cortejo acontece logo após a conversa dela com Palha sobre a declaração de Rubião: “Nisto passou um rapaz alto, que a cortejou sorrindo e vagorosamente. Sofia cortejou-o também um pouco espantada da pessoa e da ação” (Assis 50). O que muda entre Rubião e Carlos Maria é o motivo pelo qual Sofia aceita o cortejo do último, escolhendo por não contar a seu marido. É uma das lacunas que os leitores devem preencher por si mesmos. Seu silêncio nos revela “uma mulher dominada pela emoção, consciente de sua situação numa sociedade patriarcal e misógina”. sua revelação causaria sua perda do poder financeiro e social alcançado, e definitivamente ela não estava disposta a se arriscar dessa maneira (Pietrani 68).

Entretanto, ao comparar esses dois eventos é possível a identificação de certas características em Sofia antes não demonstradas, como sentimento, emoção, fraqueza e a vontade de ser diferente do que a sociedade prega como ela deve agir. Por Sofia estar presa às amarras sociais e à imagem que precisa manter, nos deparamos com a luta interior pela qual ela passa. Essa luta humaniza uma mulher que vivia na sociedade colonial brasileira no século XIX e deveria seguir as normas estabelecidas pela sociedade. As mulheres da época costumavam ser vistas como intocáveis, o símbolo mais importante da família e do lar. Através de Sofia, vemos como uma mulher do século colonial, apesar de seguir as estritas normas e ordens sociais, ainda possui vontade interior; por vezes ela queria se rebelar e ir contra o que era pregado mas acabava simplesmente se conformando com sua posição inferior. Como vemos na última menção feita à ela no romance:

Em outubro, Sofia inaugurou os seus salões de Botafogo, com um baile, que foi o mais célebre do tempo. Estava deslumbrante. Ostentava, sem orgulho, todos os seus braços e espáduas. Ricas joias; o colar era ainda um dos primeiros presentes do Rubião, tão certo é que, neste gênero de atavios, as modas conservam-se mais. Toda a gente admirava a gentileza daquela trintona fresca e robusta; alguns homens falavam (com pena) das suas virtudes conjugais, da profunda adoração que ela tinha ao marido (Assis 153).

No caso específico de Sofia, vemos uma mulher que por mais ambiciosa e vaidosa que seja escolhe manter sua imagem exterior em nome de seu status social. Não existia a possibilidade durante o século XIX de uma mulher se rebelar contra ao que a sociedade impunha como certo. Apesar de em seu interior, Sofia se mostrar à frente de seu tempo, em seu exterior ela é complacente como todas as outras mulheres de sua época. Por fim, ela se mostra incapaz de lutar contra as ideias da sociedade patriarcal e segue o caminho mais fácil, mantendo assim seu status social e posição.

Bibliografia

Assis, Machado de. *Quincas Borba*; notas e orientação didática por Dirce Côrtes Riedel. F. Alves, 1975.

Pietrani, Amélia Montechiari. *Enigma mulher no universo masculino Machadiano*. Eduff, 2000.

Stein, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Paz e Terra, 1984.